

Revista Portuguesa
de História

Pelos serviços prestados à Igreja e à cultura nacional foi nomeado cónego da Sé de Luanda e depois cónego e mestre-escola da Sé de Braga, camareiro de honra de Sua Santidade e Proto-notário Apostólico.

Era sócio correspondente da Classe de Letras da Academia das Ciências, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e de outras agremiações culturais.

P.^e AVELINO DE JESUS DA COSTA

P.^e Francisco Manuel Alves

(Abade de Baçal)

Com a morte deste bondoso sacerdote, ocorrida em 13 de Novembro de 1947, desapareceu um dos mais probos e mais operosos investigadores históricos e arqueológicos do nosso país.

Sem a preparação nem o método que uma tão larga tarefa exigia, o P.^e Francisco Manuel Alves conseguiu, no entanto, com as suas *Memórias arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*, de que foram publicados onze volumes, reunir uma soma tal de fontes, que sempre será de louvar a sua tarefa verdadeiramente ingente, pensando, sobretudo, nos meios de que dispunha para a realizar. Não exageramos, por isso, considerando-a como um verdadeiro prodígio de tenacidade e devoção.

Nem pelo facto de se referirem apenas ao distrito de Bragança têm as suas *Memórias* menor projecção nacional, constituindo como como constituem elemento indispensável para o estudo da história portuguesa.

De facto, com o sub-título de *Repositório amplo de notícias corográficas, hidro-orográficas, geológicas, mineralógicas, hidrológicas, bio-bibliográficas, heráldicas, etimológicas, industriais e estatísticas interessantes tanto à história profana como eclesiástica do distrito de Bragança*, que figura nos sete primeiros volumes, apresenta o P.^e Francisco Manuel Alves uma série

curiosíssima de notícias cuja publicação justifica com um hino de louvor às instituições municipais :

«Foi nos municípios, gineceu carinhoso, onde desabrochou e se tornou vigorosa a árvore da liberdade; pois jámais a gozaremos, se um forte sentimento de nacionalidade a não escora, e este só pode ser grandioso num povo que vive vida própria, buscando nas sua tradições e no seu passado histórico o retempero das energias que vigorizam, definem e criam os caracteres, o tipo nacional, o tipo regional, que sabe fazer-se respeitar, impor-se mesmo pela grandiosidade do seu espírito e ciente crença numa aspiração a realizan).

E depois de apostrofar contra o desinteresse pelo municipalismo, que fecundou a liberdade, e de proclamar que a ideia de que o simples progresso material basta é «puro engano que atrofia a pureza dos mais nobres sentimentos», o P.^o Francisco Manuel Alves continua: «Nem se diga que o conhecimento da nossa região nada tem de interessante que mereça estudar-se por haver influido no progresso da civilização. Já não seria de pouca monta, para o sociólogo, discriminar o que devemos a infiltrações estranhas e à iniciativa própria. Que de empreendimentos se frustam por se desconhecer o meio onde se pretendem implantar?! Que de atritos se evitariam se os legisladores conhecessem bem a ideosincrasia daqueles para quem legislam ? !

«Mas — continua — não é só isso; na filologia, na etnografia e em vários outros ramos do saber humano, temos aqui filões imensos inexplorados — *messis quidem multa...* » (4).

Isto é, com a publicação das *Memórias arqueológico-históricas do Distrito de Bragança*, o devotado braganção procura, sobretudo, despertar nos seus conterrâneos a consciência da sua própria personalidade formada por séculos de actividade no seio da comunidade nacional. E não há que duvidar de que conseguiu plenamente o seu objectivo. Nem outra significação pode ter o entusiasmo com que, depois de algumas fatais incompreensões, foi acarinhado o seu ímprobo labor (2). (*)

(*) *Memórias*, cit., i, págs. vin e ix.

(2) Cumpre-nos recordar especialmente três nomes: a «trilogia regionalista Raúl Teixeira—Dr. António Pires Quintela—José Montanha», no dizer do próprio Abade de Baçal, que várias vezes os apoda de «grandes mecenas».

Para este resultado muito havia de contribuir a largueza do seu espírito, em que se reflectia, como em cristal puríssimo, a rectidão das suas intenções, a sinceridade impressionante das suas atitudes morais.

Por isso, a sua morte não só não conseguiu o seu afastamento, mas, pelo contrário até, como que impôs, mais viva ainda, a sua presença.

Difícil se torna indicar com precisão as matérias versadas nas *Memórias Arqueológico-históricas*, tal o seu número e variedade, e a falta de método que devia presidir à ordenação. Porém, depois de registar nos quatro primeiros volumes toda a sorte de documentos e notícias sobre os mais diversos temas de ordem espiritual ou temporal de interesse para a história do distrito, o erudito arqueólogo passa, a partir do tomo v, em que se ocupa dos judeus, a ordenar as matérias mais metodicamente. Assim, ocupar-se-á sucessivamente, nos restantes volumes, dos fidalgos, dos notáveis, da documentação do arquivo de Simancas relativa a Bragança, da arqueologia, etnografia e arte, e ainda, num volume que devia ser o xi das *Memórias*, mas que, por determinação ministerial, veio a constituir o ui dos *Anais* da Academia Portuguesa da História, da restauração de 1640.

Apesar das homenagens prestadas pelos seus conterrâneos e pelo governo da Nação, que condecorou o erudito arqueólogo com a comenda de Santiago da Espada e deu o seu nome ao museu que fundara e organizara, uma dívida está ainda em aberto para com a memória do grande bragançano : a organização e publicação de um índice geral onomástico e ideográfico, tanto quanto possível exaustivo, de uma obra que atestará pelos séculos fora, eloquentemente, quanto pode a devoção sem limites a um nobre ideal intensamente vivido.